

Jorge Amado e a Cidade da Bahia

Benedito Veiga (UEFS)

Quem se dispõe a observar a presença da Cidade da Bahia na obra de Jorge Amado deve, antes de qualquer tarefa, munir-se de uma leitura mais completa de sua produção, e não apenas usufruir suas palavras: “Vivo na Bahia, o que é um privilégio para quem sabe viver”. (AMADO, apud VEIGA, 2006, p. 30). Em certo sentido, ao construir seu universo romanesco, o escritor deixou impressa uma constatação da diversidade geopolítica baiana: Zona do Recôncavo (exemplo: *Dona Flor e seus dois maridos*: história moral e de amor, em 1966); Zona Cacaueira (exemplo: *Gabriela, cravo e canela*: crônica de uma cidade do interior, em 1958); Zona do Sertão (exemplo: sobretudo o capítulo II de *Tereza Batista cansada de guerra*, em 1972) e Zona do Agreste (exemplo: *Tieta do Agreste*: pastora de cabras, em 1977).

Partindo de uma compreensão amadiana da urbe soteropolitana, ainda sob um prisma aleatório e incidental, como o indiciado em *O país do carnaval*: “E nas sombras da noite a Bahia parecia uma grande ruína de uma civilização que apenas começara a florescer” (AMADO, 1999a, p. 21), ou de um ponto de vista mais superficial e caricata: “[...] na Bahia todo tolo se fazia poeta. O mais sério dos homens conspícuos da Bahia, se não publicava maus versos em revistas elegantes, tinha com certeza algumas trovas rabiscadas no fundo da gaveta” (AMADO, 1999a, p. 25), o autor mostra que ainda desta feita não atingira uma compreensão maior dos dados citadinos, inclusive dos exteriores, que agressivamente se mostravam:

Uma preta, na rua, rebolando as ancas, gritava:

– Amendoim torrado! Acarajé e abará!

E, mais longe, um garoto berrava:

– O “Estado da Bahia”... Olha “O Estado da Bahia”. Artigo sobre a carestia da vida... (AMADO, 1999a, p. 107).

Foi assim até alcançar a condição assumida em *O sumiço da santa*: uma história de feitiçaria, sua última obra sobre o ciclo da Cidade da Bahia, numa aceitação plena dos melindres e meandros que afloram como incertezas/certezas de uma dada baianidade:

Das glórias da Bahia de Todos os Santos manda a prudência não falar, é recomendável guardar silêncio, para evitar despeito e dor-de-cotovelo: sua fama está na boca dos marítimos, nas canções dos trovadores, nas cartas e relatos dos navegantes. Das glórias da Bahia aqui não se fará praça nem se cantarão loas para celebrá-las: a modéstia é apanágio da grandeza.

No regaço do golfo, na brisa da península, plantada na montanha, eleva-se a Cidade da Bahia, de seu nome completo Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, situada no oriente do mundo, na rota das Índias e da China, no meridiano do Caribe, enaltecida por gregos e troianos, exaltada em prosa e verso, capital geral da África, gorda de ouro e prata, perfumada de pimenta e alecrim, cor de cobre, flor da mulataria, porto do mistério, farol do entendimento. (AMADO, 1999b, p. 7).

José Luis Romero, em *América Latina: as cidades e as idéias*, deixa evidenciada a importância do papel desempenhado por estes núcleos populacionais, como materialização do poder colonial e projeção em um mundo novo da sociedade que o conquistou:

Importantes centros de concentração de poder, as cidades asseguraram a presença da cultura européia, dirigiram o processo econômico e, sobretudo, traçaram o perfil das regiões sobre as quais exerciam sua influência e, em conjunto, sobre toda área latino-americana. As sociedades urbanas foram as que desempenharam esse papel, algumas desde o primeiro dia de ocupação da terra e outras, após um processo em que submeteram e moldaram a vida espontânea das áreas rurais. (ROMERO, 2004, p. 41-42).

A Cidade da Bahia, a primeira da Colônia Portuguesa na América fundada com este título, ganha, de saída, foros de capital. Uma urbe desde o início plantada como uma cidade-fortaleza, com suas “portas” e cercada de guarnições fortificadas.

Num estudo sobre o plano urbanístico da Cidade da Bahia, Antônio Heliodório Lima Sampaio, em *Formas urbanas: cidade real & cidade ideal*, adianta:

Constata-se que Salvador surge no contexto histórico de expansão mercantilística sob a égide de uma acumulação primitiva do capital, cuja forma inicial resulta de dois

movimentos com o mesmo sentido: o primeiro, moldado na necessidade de inserção do território conquistado no mundo capitalista e submetida ao domínio da emergente sociedade moderna européia; o segundo, na condição de cidade colonial periférica, vista como apêndice, onde se poderia reproduzir o tal “mundo novo” ibero-americano. Ao que se vê, centrado num princípio, em que se ignoram por completo os valores culturais pré-existentes; ou seja, renegam-se civilizações consideradas primitivas e não circunscritas ao modelo eurocêntrico de ver e interpretar o mundo. (SAMPAIO, 1999, p. 49).

Há um clima de etnocentrismo travado na criação da Cidade da Bahia. Ostensivamente, esquecendo os impulsos iniciais, audaciosos e destemperados, registrados na *Carta de Caminha*, a preocupação que aparece é a de proteção aos colonos europeus com o esquecimento das marcas que indiquem a preexistência do autóctone. Tais sintomas de civilidade local seriam, cruelmente, apagados e substituídos por outros alienígenas, o que prevaleceriam por vários séculos.

Antonio Risério, estudioso de temas culturais, sobretudo híbridos, declara o lócus de suas perquirições, em “Uma teoria da cultura baiana”:

É Salvador e sua interlândia: uma região geográfica principalmente costeira que, em cerca de dez mil quilômetros quadrados de alcance, exhibe um certo grau de homogeneidade cultural e ecológica. Mais exatamente, trata-se da cultura predominantemente litorânea do recôncavo agrário e mercantil da Bahia, que tem como principal núcleo urbano a Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. (RISÉRIO, 1993: 159).

Ou ainda, como descreve o próprio Risério, no início de sua *Uma história da Cidade da Bahia*:

A Bahia de Todos os Santos é nosso mar interior. Nosso mediterrâneo, com sua cidade nascida no cimo do alto monte, de olhos postos nesse mesmo mar. Já em sua *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, o jesuíta Simão de Vasconcelos escrevia: “A Bahia de Todos os Santos, se houvesse de descrever aqui suas grandezas, largura e circunferência de suas águas, de suas ilhas, de seus recôncavos, e dos muitos rios caudalosos a pagar-lhe tributo, fora cousa mui larga. Baste dizer, que esta só parte do Brasil, com seus arredores, é capaz de um Reino”. São 1000 km² de águas claras e cálidas, trezentos quilômetros de costa. “Imenso seio do mar”, no dizer do velho Theodoro Sampaio, na *História da Fundação da Cidade do Salvador*. Seio marinho semeado de ilhas, ilhotas, ilhetas, com os seus rios e as suas ribeiras, os seus manguezais, as suas praias, as suas enseadas e os seus promontórios, as suas Campinas de beira-mar. (RISÉRIO, 2004, p. 20).

São opiniões que Amado corrobora; este procede em suas narrativas deste ciclo, sobretudo de ações principais desenvolvidas na Cidade da Bahia, quase sempre em volta com ações secundárias acontecidas ou com personagens que se relacionam com o contexto do Recôncavo baiano, como em *Jubiabá*, *Mar morto*, *Os pastores da noite*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *O sumiço da santa*.

Instigante é a referência feita ainda por Antonio Risério ao autor de *Dona Flor e seus dois maridos*, quase ao término de seu livro supra citado,

Com mais de dois milhões de moradores, a Cidade da Bahia apresenta hoje, em sua própria escala, um painel dos grandes contrastes brasileiros. De reluzentes automóveis importados a crianças esfarrapadas mendigando no raio dos semáforos. Da porta que se abre automaticamente quando vou em sua direção – e da poça de lama que fica à sua frente, à espera dos meus pés. Mesmo assim, temos conseguido tramar meios e modos de sobreviver e subsistir. Vale para nós, ainda hoje, a sábia observação do velho Jorge Amado: a nossa alegria é maior do que a nossa miséria. (RISÉRIO, 2004, p. 591-592)

Talvez, o autor do livro, confirmando uma opção de vida feita por Amado, queira afirmar a preferência pelo jogo de contrários das gentes e maneiras do lugar. O escritor referido, após a publicação de *Gabriela Cravo e Canela* e de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, afiança em entrevista publicada no *Jornal da Bahia*, de 23 de setembro de 1966, descrevendo o povo da Cidade da Bahia: “De fato. É pobre e é negra. No entanto há em nossa gente, – o que não é difícil de surpreender – uma poesia, uma ternura, uma indefinível aspiração a bem estar. Não há os traços da pobreza e da miséria dos ‘coolies’”. (AMADO, 1966, 23 set.).

* * *

Não é sem razão a assertiva de Roberto DaMatta, em *A casa & a rua*, quando escreve que “o espaço é como o ar que se respira”. (DAMATTA, 1997, p. 29) O antropólogo social, em sua afirmação, busca “ver” e “sentir” a cidade, confundindo a idéia de espaço com a de sua própria ordem social, como um sistema de locação pessoalizado e não impessoal, como costuma acontecer com os assentamentos interioranos brasileiros.

Transposto isto para o caso da Cidade da Bahia, pode-se trabalhar, por exemplo, em expressões com “em cima” e “embaixo”, usadas à larga no nosso universo social, que nada tem a ver com atitudes topograficamente assinaladas, mas como

nomes de regiões sociais convencionais de locais, como insiste o autor do texto em estudo: “Tal era o caso da cidade de Salvador no período colonial, quando a chamada ‘cidade baixa’, no dizer de um historiador do período, ‘era dominada pelo comércio e não pela religião’ (dominante, junto com os edifícios públicos mais importantes, na ‘cidade alta’)”. (DAMATTA, 1997, p. 30).

Na literatura amadiana, em sua parte centrada na Cidade da Bahia, toda uma inferência contextual citadina mostra seus traços, suas cores, seus cheiros e seus sabores, que irão, própria ou imprópriamente, definir certo clima de localidade.

O romancista preocupa-se com a mostra de uma urbe degradada, correspondendo, sobretudo ao período entre 1930 e 1945, quando, por exemplo, transcorrem as ações de várias de suas ficções, que indicam a capital baiana modulada na fórmula do colonialismo português: a cidade alta, com os edifícios públicos mais importantes e sua “Sé Primacial”, no chamado centro urbano, e a cidade baixa, ocupada com o comércio e a não religiosidade, próxima ao cais, com sua população de marinheiros, de estivadores e outros assemelhados, portando o mesmo fervilhar dos tempos mais cotidianos.

Um estudo sistemático da técnica arquitetônica na edificação da primeira cidade brasileira, como o efetivado por Angela Gordilho Souza constata o que a leitura intuitiva já observara:

Ao se analisar a interação entre habitação e cidade na atualidade, é possível afirmar-se que Salvador contém diferentes cidades justapostas. Constituem espaços característicos socioespaciais distintos, ao mesmo tempo contíguos nos seus limites físicos e apartados na sua inserção cidadã. Conjugam cidades históricas de tempos diversos, culturalmente e fisicamente diferenciadas, bairros-cidades com identidades próprias em condições de habitabilidade desiguais; enfim, compõem um espaço construído amplamente diversificado e complexo. (SOUZA, 2000, p. 21).

A desigualdade e o preconceito na distribuição dos espaços na construção de Salvador são acirrados pela falta de planejamento, o que evidencia a submissão da população à mesmice antidemocrática do trato hegemônico, vindo desde os inícios da colonização. Angela Souza resume essa discriminação: “Num primeiro olhar, o que se mostra mais evidente na sua configuração urbana é a segmentação marcante de espaços de habitação em territórios de pobreza e riqueza”. (Souza, 2000, p. 21).

Jorge Amado reforça os cenários de ruína do perímetro urbano, correspondentes ao longo período de esquecimento em que a Bahia esteve relegada, após a transfe-

rência das decisões políticas para o Rio de Janeiro em fins do século XVIII, tomados como exemplos, entre outros locais, o Pelourinho e a zona do comércio, entregues ao desleixo arquitetônico e servindo de moradia aos desabrigados, aos marginais e ao prostíbulo mais deprimente. O escritor assim descreve a cena:

Os sobradões te esperam. Os azulejos provêm de Portugal e desbotam hoje ainda mais belos. Lá dentro a miséria murmura pelas escadas onde os ratos correm, pelos quartos imundos. As pedras com que os escravos calçaram as ruas, quando o sol as ilumina ao meio-dia, têm laivos de sangue. Sangue escravo que correu sobre essas pedras nos dias de ontem. Nos casarões moravam os senhores de engenho. Agora são os cortiços mais abjetos do mundo. (AMADO, 1996, p. 12).

Em estudos efetivados nacionalmente, sabe-se que, como indica Ângela C. M. de Magalhães, em “Cidade e política: a questão da habitação social em Salvador dos anos 40 aos anos 90”, realizou-se na capital baiana e em sua região metropolitana uma das mais importantes mudanças demográficas estruturais, associadas ao processo histórico de constituição e consolidação de uma sociedade industrial e urbana. E acrescenta:

O pouco dinamismo verificado em Salvador até os anos 40 não se limitava aos aspectos demográficos, mas também econômicos. Sob este ponto de vista, só a partir da década de 40, quando se iniciou uma modificação da estrutura produtiva de Salvador, que este quadro se inverteu, delineando-se novos caminhos a partir da formação de um setor industrial, segundo o padrão capitalista monopolista, com impactos profundos na configuração física da cidade [...]. (MAGALHÃES, 2000, p. 124).

* * *

Jorge Amado, um escritor marcadamente preocupado em datar seus escritos, não deixa de observar e registrar as mudanças ocorridas nas políticas da velha urbe e delas tirar o melhor proveito. São amostras:

A) *Bahia de Todos os Santos*, livro lançado em 1945, com gravuras de Manuel Martins, tem, em sua edição de 1976, a substituição de seu ilustrador por Carlos Bastos, pintor envolvido como Amado e outros intelectuais nas propostas de criação do pólo turístico de Salvador. Como se lê nas entrelinhas da apresentação do livro, que também registra a mudança de editoras, da Martins, em São Paulo, para a Record, no Rio de Janeiro:

A primeira versão deste guia de ruas e mistérios de Salvador da Bahia de Todos os Santos foi escrita e publicada em 1944 e contava de uma cidade provinciana, descansada tranqüila, doce, bela e única, cuja população mal passava dos trezentos mil habitantes. Para designá-la, dizia-se cidade da Bahia, pura e simplesmente. Hoje, dizem cidade de Salvador: metrópole ruidosa, movimentada, truculenta, sua doçura fundamental entrecortada de violência.

[...]

No espaço de tempo decorrido desde aquela primeira edição ilustrada com magníficas gravuras de Manoel Martins, este guia teve algumas versões, necessárias devido ao crescimento e às modificações ocorridas na cidade, mantendo-se, no entanto, a estrutura fundamental e o espírito do livro. A partir de 1976, as edições foram iluminadas pelos desenhos de Carlos Bastos, belos como a cidade. (AMADO, 1996, s/p).

B) Os usos e costumes da gente baiana são também aproveitados em *Dona Flor*, de 1966, a meio caminho das duas edições marcantes do guia da cidade citado, com o emprego das cores, cheiros e sabores da Cidade da Bahia, como, por exemplo: suas *ruas estreitas* (“Indo correr no Sodré [Rua do Sodré] uma casa anunciada para alugar, Flor deparou com outra ex-aluna sua, dama de realce, esposa de comerciante da Cidade Baixa, dona Norma Sampaio [...]”), (AMADO, 1997, p. 103), seus *largos* (“Vadinho, o primeiro marido de Dona Flor, morreu num domingo de carnaval, pela manhã, quando fantasiado de baiana, sambava num bloco, na maior animação, no Largo Dois de Julho, não longe de sua casa.”), (AMADO, 1997: 3) e suas *ladeiras* (“e tudo quanto fez [dona Rozilda, mãe de Dona Flor] para completar a criação dos filhos e para manter-se pelo menos na posição onde a deixara a morte do marido, sem rolar Ladeira do Alvo abaixo para os cantos de rua ou para os sórdidos quartos dos casarões do Pelourinho”), (AMADO, 1997, p. 48) todos usados como cenários das ações da narrativa.

Por outra, este seu romance, como consta dos escritos em seu frontispício, é a “Esotérica e comovente história vivida por Dona Flor, emérita professora de arte culinária”. (AMADO, 1997: p. vii) Amado, em seu livro, atendendo a solicitações da cultura, esquece os rigores das fronteiras e faz a fusão da literatura com outras áreas, com a cozinha, numa nova investida. Sua narrativa torna-se palco da baianidade, como é o caso de colocar em sua obra receitas de pratos da “cozinha baiana”, com exemplos dos temperos da Escola “Sabor e Arte” da famosa quituteira.

C) Em *O sumiço da santa*, narrativa lançada em 1988, Amado retoma e radicaliza as manifestações e presença da baianidade, tudo centrado em afirmações incontidas da cultura afro-baiana. Os traços do hibridismo cultural são reavivados, apesar de posições em favor dos traços hegemônicos, como em *Adalgisa*, tia de Manela, em

cena de convívio com seu esposo, interferindo a respeito da reclusão da sobrinha ao Convento da Lapa, por razões de namoro e de opções por festejos populares e ligados a crenças religiosas do candomblé:

– Vamos buscar Manela, Dadá.

– Já lhe disse que se esqueça disso. Ela está no convento por ordem do juiz, ninguém tira ela de lá, somente eu, sua tutora. Sente aí para tomar seu café, não tive tempo de preparar a sopa. E bico calado, não quero ouvir diz-que-diz-ques dessa gatinha da Avenida.

– Sou tão tutor quanto você. Se não quer ir, eu vou sozinho.

– Você não vai a lugar nenhum. Acabe com isso, já lhe disse. Não se meta onde não é chamado: quem decide de Manela sou eu e mais ninguém, ouviu? Agora, acomode e deixe de me apoquentar. (AMADO, 1999, p. 257)

O embate hibridismo cultural *versus* pseudo cultura européia ganha corpo, logo no início do romance, com a chegada e o desaparecimento da imagem secular de “Santa Bárbara, a do Trovão” à Rampa do Mercado, na Cidade da Bahia, proveniente de Santo Amaro da Purificação, apesar dos rogos contrários do vigário, “para ser exibida em apregoada Exposição de Arte Religiosa, glosada em prosa e verso pela imprensa e pelos intelectuais: *o evento cultural do ano*, proclamavam as gazetas”. (AMADO, 1999, p. 4)

Enquanto desaparecida – “Yansã sumiu no meio do povo”. (AMADO, 1999, p. 11) – algumas tarefas seriam resolvidas: Manela seria liberada do jugo tirano de sua tia Adalgisa e esta, por fim, se assumiria uma representante da cultura, que tanto desprezava:

Quarenta anos depois de ter feito o santo, apenas concebida no ventre de Andreza, sua mãe, Adalgisa abandonou o estado clandestino de abicun, assumiu a gloriosa condição de filha de Oyá Yansã. A Yansã da Cangalha, tão citada nos fastos orais do candomblé. Na mão, em vez do eiru, uma taca de couro, aquela mesma. (AMADO, 1999, p. 381)

Não é de estranhar que na noite marcada para a Exposição de Arte Religiosa da Bahia, na entrada das comemorações,

[...] estava ela, a santa magnífica, posta no chão, sem peanha, sem andor, igual a uma pessoa viva, a mim e a você. Parecera-lhe (a dom Maximiliano von Grudem, Diretor do Museu) impossível, teve de beliscar-se para acreditar no que seus olhos viam, abertos em lágrimas. Mas já não se espantou, pareceu-lhe normal que Santa Bárbara, a do Tro-

vão, lhe sorrisse e lhe piscasse o olho, trazendo-o de volta do degredo para essas terras mais sem jeito da Bahia. (Amado, 1999, p. 401).

Terras mais sem jeito da Bahia...

Jorge Amado, empregando tais características e diversidades, aponta seus sentimentos de amante de sua terra amada, indo buscar e revitalizar traços da cultura afro-baiana, tão oportunos num instante de fixação de marcas típicas da localidade, quando se quer atrair visitantes, capazes de transformar, como comenta a população da terra, “o burgo de 365 igrejas, em de 365 hotéis”. E afirma o romancista, numa constatação amorosa: “Chega a parecer outra cidade, mas ainda assim aqueles que a conhecem como eu a conheço sabem que ela continua bela e única, sem igual na vastidão do mundo”. (AMADO, 1996, s/p).

* * *

Há, portanto, todo um contexto biográfico - histórico, geopolítico, cultural, literário e, marcadamente, ideológico - que torna Jorge Amado um dos próceres mais proeminentes dos que falam e assumem a considerada baianidade e os usos e costumes de sua amada Cidade da Bahia, “com seus caminhos guardados por Exu”. (AMADO, 1996, p. 16).

Portador de uma concepção política que não aprisiona sua individualidade, Jorge Amado, como bem afirmara em *Alice Raillard conversando com Jorge Amado*, faz sua a fala de Pedro Arcanjo, em *Tenda dos milagres*: “Meu materialismo não me limita” (AMADO apud RAILLARD, 1991, p. 216).

Jorge Amado, ao escrever parte de suas lembranças em *Navegação de cabotagem*, apontamentos de um livro de memórias que jamais escreverei, confirma, com tranquilidade e orgulho, ser “filho de Oxossi” (Amado, 1994, p. 64), “obá de Xangô” (Amado, 1994, p. 76) - indicado por Mãe Senhora, e “ogan de Yansã”, levantado por Joãozinho da Goméia (AMADO, 1994, p. 360).

Axé.



REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge (1966). Jorge Amado escreve novo livro e a Bahia é ainda o seu tema. *Jornal da Bahia*, Salvador, 23 set. 1966. Caderno 2, p. 4.
- AMADO, Jorge (1994). *Navegação de cabotagem*. apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 3. ed. Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (1996). *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. 40. ed, Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (1997). *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record. p. 103.
- AMADO, Jorge (1999a). *O país do carnaval*. 49. ed. Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (1999b). *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record.
- DaMATTa, Roberto (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- MAGALHÃES, Angela C. M. de (2000). Cidade e política: a questão da habitação social em Salvador dos anos 40 aos anos 90. In: NUNES, Débora (Org.) *Salvador: o arquiteto e a cidade informal*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FUBA/ Lab-Habitar, 2000. p. 121-155.
- RAILLARD, Alice (1991). *Alice Raillard conversando com Jorge Amado*. Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record.
- RISÉRIO, Antonio (1993). Uma teoria da cultura baiana. In: _____. *Caymmi: uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva; Salvador: COPENE. (Debates; 253).
- RISÉRIO, Antonio (2004). *Uma história da Cidade da Bahia*. 2. ed. Rio de Janeiro: VERSAL.
- ROMERO, José Luis (2004). *América Latina: as cidades e as idéias*. Tradução Bella Josef. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- SAMPAIO, Antônio Heliodório Lima (1999). *Formas urbanas: cidade real e cidade ideal*. Contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto / PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da UFBA.
- SOUZA, Angela Gordilho (2000). Uma introdução para discussão da presença do arquiteto na construção da cidade. In: NUNES, Débora (Org.), op. cit. p. 19-26.
- VEIGA, Benedito (2006). *Dona Flor da Cidade da Bahia: ensaios sobre a memória da vida cultural baiana*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Salvador: FCJA – FAPESB.

Jorge Amado e a Cidade da Bahia
Jorge Amado and the City of Bahia

RESUMO

Jorge Amado é um escritor que aborda a diversidade geopolítica baiana. É também particularmente voltado para a Cidade da Bahia, sua cidade amada. Todo um contexto histórico-cultural da urbe está envolvido, desde os ranços deixados por seu traçado citadino até a presença do mar, com seus encantos e mistérios. Mostra ainda um multiculturalismo originário sem deixar de tocar nas diferenças étnicas, com o destaque para a cultura negra, o que faz aparecer o caráter ímpar da terra.

Palavras-chave: Cidade da Bahia, colonialismo, cultura negra, Jorge Amado.

ABSTRACT

Jorge Amado is a writer who deals with diversity geopolitical Bahia. It is also particularly dedicated to the City of Bahia, his beloved city. A whole historical and cultural context of the city is involved, since the influences left by his city to track the presence of the sea, with its charms and mysteries. It also shows an originating multiculturalism while playing on ethnic differences, with the emphasis on black culture, which gives rise to the unique character of the earth.

Keywords: City of Bahia, colonialism, black culture, Jorge Amado

Recebido: 06/10/2007

Aprovado: 12/03/2008



VEIGA, Benedito. Jorge Amado e a Cidade da Bahia. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, v. 6, n° 4, 2008, p. 48-58.

Benedito José de Araújo Veiga é Professor Adjunto de Literatura Brasileira da UEFS e Professor Permanente de seu Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Letras (Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura) pela UFBA. É inscrito no GT de História da Literatura da ANPOLL. É estudioso da obra de Jorge Amado e da Literatura Baiana, com livros e artigos publicados.